

22 – PE. FRANCISCO BIGIARETTI

* Itália: 16-05-1904

(94 anos)

† Manaus – CESAF: 02-05-1998

Antes de entrar na congregação, formou-se em medicina. Depois de um breve período, entrou na Congregação Salesiana, fazendo o noviciado, a filosofia e o tirocínio.

Pediu para trabalhar nas missões do Rio Negro e foi atendido. Depois de aprender um pouco a língua, em 1940 foi para o Instituto Pio XI, que naquele tempo reunia todos os estudantes de teologia do Brasil.

Quando recebeu a tonsura, o bispo, ao cortar-lhe os cabelos, sorriu, pois naquele tempo já era careca.

Quando os clérigos queriam fazer algum pedido coletivo, pediam a ele que o fizesse, pois tinha mais entrada com o diretor e sempre conseguia.

Quando havia algum salesiano doente, era ele que o acompanhava ao Dr. Brunetti, no Hospital do Brás.

Estávamos estudando o tratado “de gratia”. Quando terminamos, Pe. Francisco fez uma pergunta interessante: “Terminamos o tratado, mas não encontramos a ‘graça do estado’, isto quer dizer que não existe! É por isso que alguns superiores deixam um pouco a desejar!” O professor ficou preocupadíssimo... porque o texto não falava claramente da “graça do estado”.

Recebeu a ordenação sacerdotal no dia 8 de dezembro de 1943, das mãos do bispo e missionário do Rio Negro, Dom Pedro Massa. Depois da ordenação sacerdotal, ficou por algum tempo secretário do prelado do Rio Negro. Durante muitos anos trabalhou nas missões do rio Negro, como médico e, por isso, frequentemente visitava as várias residências. Por brincadeira, os salesianos o chamavam de “rádio cipó”, porque ele levava muitas notícias, naquele tempo em que não havia ainda o telefone, nem televisão. Ele porém nunca se ofendia com esta frase.

Sofria de asma e nunca ficou bom. Por este motivo, os irmãos às vezes lhe diziam: “medice, cura te ipsum”.

Não ocupou cargos diretivos de diretor, conselheiro ou economo, nem catequista.

Estava sempre ao par do que se passava na Congregação, na Igreja e na nação. De boa mente, transmitia as boas notícias para a comunidade.

De caráter alegre, comunicativo e de boa memória. De memória prodigiosa, acumulou muitos conhecimentos com seus estudos.

Sua versatilidade o colocava em situação cômoda diante de várias pessoas com as quais falava, e nunca deixava de dizer uma palavra animadora e instrutiva.

Vivia a vida de observante de uma maneira serena, tranqüila, de fidelidade. Sua educação dava-lhe aquela precisão de estar no lugar certo.

A graça de Deus refulgia na pureza de seus olhos, nos seus gestos, no seu falar, na maneira de ser e servir. Na polidez de seu trato. Na limpeza de sua pessoa. Nunca, jamais se ouviu dizer dele qualquer coisa que inodoasse sua castidade. Muito procurado para o ministério das confissões seja para irmãos como para as pessoas de fora.

Se tomarmos o capítulo EM DIÁLOGO COM DEUS, das nossas Constituições, poderemos constatar como a vida do Pe. Francisco se identifica com ele. Sua constante oração com a comunidade, sua concentração e união nos momentos de oração. O amor à Eucaristia refletido na celebração da Santa Missa, na adoração freqüente, mesmo rápida, ao Santíssimo na capela. Seu amor filial a Maria, nossa Mãe e Mestra, a récita cotidiana das orações na comunidade. Sua constante e serena alegria. “A necessidade de Deus sentida no trabalho apostólico que o levou a celebrar a liturgia da vida, até chegar à operosidade incansável, santificada pela oração e pela união com Deus” (Art. 95).

A confissão, o retiro mensal, eram sempre a busca de uma constante conversão. Tudo o levava, numa vida tranqüila de ser, de estar e viver, a “uma profunda unidade do Senhor Jesus, mantendo viva a espera de sua volta”.

A presença do Pe. Francisco no meio de nós deixou a marca de algumas características da sua personalidade salesiana.

A simplicidade com a serenidade no trato com as pessoas, a alegria que transbordava de uma vida espiritual intensa, sem exageros.

Sentido de gratidão: aceitava comovido as manifestações de carinho e reconhecimento.

Onde estava o Pe. Francisco, estavam a alegria e o bom humor.

Quantos no Rio Negro recordam os atendimentos aos doentes, o envio dos mais graves para o hospital de Manaus, os remédios que ele conseguia e os distribuía com generosidade! Além do cuidado dos corpos, cuidava das almas, preparando os doentes para se conformarem com a santa vontade de Deus.

Era médico dos corpos, mas especialmente das almas.

Partiste, Pe. Francisco. Adeus.